DESENHO INFANTIL: PERCURSO E REFLEXÕES A PARTIR DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DO DESENHO

APARECIDA MARGARETE CASTRO FERREIRA

RESUMO
As linguagens artísticas estão presentes no cotidiano das crianças e contribuem para que construam as culturas infantis, atribuindo sentido aos seus sentimentos e opiniões demonstrando o modo como compreendem o mundo que as rodeia. Por isso, neste artigo pretendemos abordar a temática do desenho infantil como uma forma importante de comunicação humana, traçando um breve histórico acerca do desenho, discutindo sobre as etapas do desenho infantil e propondo uma reflexão sobre o papel do professor como mediador no desenvolvimento da linguagem do desenho. Por meio de pesquisa de revisão bibliográfica das obras de autores como Piaget, Vygotsky, Sans, Derdyk, entre outros, analisamos as fases do desenho infantil de acordo com as diferentes concepções acerca da educação e da aprendizagem. Esses autores afirmam que em cada idade, a criança apresenta características peculiares e diferentes maneiras de desenhar. Nessa perspectiva, discutiremos também a importância do desenho como prática pedagógica, suas representações e significado no processo de construção do conhecimento. Constatamos, portanto, que o desenho continua sendo a primeira manifestação gráfica da criança e que ao desenhar registra as suas marcas, alegrias, descobertas, tristezas e escreve o mundo à sua maneira. Com o auxílio do professor, a criança ao utilizar sua liberdade de expressão e de investigação, avança em suas aprendizagens e na sua capacidade visualizar o mundo.
Palavras-chave: Desenho Infantil. Desenvolvimento. Significado. Reflexão. Professor

ABSTRACT
Artistic languages are present in children's daily lives and contribute to the construction of children's cultures, giving meaning to their feelings and opinions, demonstrating the way they understand the world around them. Therefore, in this article we intend to address the theme of children's drawing as an important form of human communication, tracing a brief history about drawing, discussing the stages of children's drawing and proposing a reflection on the teacher's role as a mediator in language development of the drawing. Through a bibliographic review of the works of authors such as Piaget, Vygotsky, Sans, Derdyk, among others, we analyze the stages of children's drawing according to different conceptions about education and learning. These authors claim that at each age, the child has peculiar characteristics and different ways of drawing. From this perspective, we will also discuss the importance of drawing as a pedagogical practice, its representations and meaning in the knowledge construction process. We note, therefore, that drawing continues to be the child's first graphic manifestation and that, when drawing, he registers his marks, joys, discoveries, sorrows and writes the world in his own way. With the help of the teacher, the child, using their freedom of expression and investigation, advances in their learning and in their ability to visualize the world.
Key words: Children's Drawing. Development. Meaning. Reflection. Teacher.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo traçar um breve histórico acerca do desenho, discutindo sobre as etapas do desenho infantil, suas representações e significado, propondo uma reflexão sobre o papel do professor como mediador no desenvolvimento da linguagem do desenho. Desde a pré-história, quando o homem fez uso dos desenhos registrando nas paredes das antigas cavernas os seus conhecimentos e as experiências vividas naquela época até os dias atuais em que o “desenho” podem ser encontrados em diversas modalidades: cartuns, charges, desenhos técnicos, desenho artístico, caricatura, animes, mangás, grafite e outros. Assim consideramos, que o desenho é uma linguagem muito antiga e “permanente, sempre esteve presente desde que o homem inventou

o homem. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra". (DERDYK, 1993, p.10).

Sabemos que as linguagens artísticas estão presentes no cotidiano da vida infantil e é por meio delas que as crianças expressam, comunicam e atribuem sentido aos sentimentos e pensamentos. Para Moreira (1984) o desenho da criança é a primeira forma de expressão gráfica, iniciada antes mesmo de ela dominar a leitura e a escrita, e é para ela é uma linguagem, como o gesto e a fala. É nessa aventura idealizada entre os seus desenhos e as representações que a criança se autodescobre, reconhece as cores e suas diferenças, experimenta as variadas formas, manipula as mais variadas texturas, explora os espaços do papel, encontra as diferentes maneiras para interpretar e apresentar significados aos seus desenhos.

Portanto, o desenho e a arte em si não devem servir apenas como ferramenta de ocupação do tempo ocioso dos alunos, mas como elemento de articulação com as demais áreas do conhecimento e do desenvolvimento psicomotor. Por isso precisamos investigar e buscar respostas para a questão: Quais práticas devem ser desenvolvidas para inserir o desenho como fator essencial para o desenvolvimento da linguagem e construção de conhecimentos nos diferentes campos de experiências da educação infantil?

Nesse sentido, percebemos que ainda há um distanciamento do docente com relação a inserção do desenho como prática pedagógica para além do aspecto mecanicista, pois é preciso vivenciar esta linguagem tão presente no universo infantil e adquirir um novo olhar sobre a sua experiência gráfica, pois são muitas as inquietações que afloram o pensamento sobre o desenho infantil. Assim, por meio da revisão de literatura realizamos uma pesquisa bibliográfica, a partir das obras de autores como Derdyk, Sans, Piaget, Vygotsky, Pillar e Moreira, para embasar nossas reflexões a respeito do desenho infantil nos possibilitando compreender que a medida que a criança cresce, constantemente notamos as mudanças ocorridas em seus desenhos. Desta forma, em cada idade, a criança apresenta características peculiares e diferentes maneiras de desenhar.

Finalizamos nossas reflexões abordando a importância do papel do professor como mediador no processo de construção de conhecimentos. Dessa maneira, concluímos que é enorme a responsabilidade do docente, quando a criança fala, escreve ou faz seus trabalhos de desenho porque geralmente é ele quem faz as observações das produções, atribuindo-lhes qualidades na orientação, incentivando os esforços nos processos de construção de saberes cognitivos, estéticos, afetivos e nas combinações desses tipos de saberes.

1. O DESENHO: BREVE PERCURSO PELA HISTÓRIA

A história do desenho começa provavelmente ao mesmo tempo que a do ser humano. Com base em descobertas arqueológicas, chegou-se à conclusão que o desenho foi realizado antes mesmo da linguagem escrita, o que é comprovado nas pictografias (pinturas rupestres) nas cavernas feitas por homens ancestrais e povos primitivos, que marcou na rocha seres humanos, animais, plantas, elementos do seu mundo, expressando de uma forma intensa as suas vivências.

Dessa forma, o desenho é uma linguagem muito antiga e "permanente, sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra". (DERDYK, 1993, p.10).

Na mesopotâmia o desenho foi utilizado para criar representações da terra e de rotas, dando origem ao nascimento da representação cartográfica de rotas comerciais e domínios ganha fôlego com a expansão do Império Romano e a popularização de suas cartas.

O desenho passou a tornar-se elemento fundamental da criação artística a partir do Século XV, paralelamente à popularização do papel. Os materiais utilizados para fazer o desenho também foram bem diferentes até que se inventasse a tão comum cane-

ta em esferográfica, em 1938. O primeiro "utensílio" usado para desenhar foram os dedos com os quais os homens da caverna fizeram suas pinturas rupestres, depois foram usados pelos babilônicos pedaços de madeira ou osso em formato de cunha para desenhar em tábuas de argila (daí o nome da escrita "cuneiforme"). Com a invenção do papiro passaram a ser utilizados madeira e ossos molhados em tinta vegetal e, depois, o carvão que já era utilizado pelo homem das cavernas e as famosas penas. As penas, no século XVIII, passaram a ser de metal e em 1884, Lewis
E. Watterman patenteou a caneta tinteiro, precursora das esferográficas.
No Renascimento o desenho ganha perspectivas e passa a retratar mais fielmente a realidade através do uso de sombras, proporções, luz e cores. Com a Revolução Industrial surge uma nova modalidade de desenho voltado para a projeção de máquinas e equipamentos: o desenho industrial. Em 1890, outro marco para o desenho: surge a primeira revista em quadrinhos semanal da história.
Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) as caricaturas e charges se popularizam e sua utilização passa a ser cada vez mais frequente. Da década de 90 para cá as evoluções foram enormes. Centenas de periódicos no mundo todo tratam exclusivamente do assunto "desenho" em suas mais diversas modalidades: cartuns, charges, desenhos técnicos, desenho artístico, caricatura, animes, mangás, grafite e outros. Técnicas cada vez mais apuradas de desenho, arte final, diagramação, impressão e distribuição possibilitaram além da melhoria da técnica, a criação de estilos tão variados quanto é a variedade de público.
O desenho de cada período histórico está intimamente ligado a aquilo que naquele momento é considerado verdadeiro e digno de importância. A representação da figura humana aparece com aspectos completamente diversos, conforme a épocas históricas, devido aos conhecimentos que se tinham ou não sobre a anatomia humana ou dos ideais e padrões de beleza aceitos para a sociedade.

1.1 O desenho infantil

Da mesma forma que o desenho se constituiu uma forma de expressão para as civilizações primitivas, ele continua sendo a primeira manifestação gráfica da criança. Ao desenhar, a criança registra as suas marcas, suas alegrias, suas descobertas, suas fantasias, tristezas e escreve o mundo à sua maneira.
No decorrer da história, o desenho infantil era considerado como um mero passatempo para as crianças, já que, as atividades de desenhar para muitos educadores são destituídas de significado. O conflito entre a fundamentação teórica e a prática pedagógica existente pode ser notado ao observarmos que os professores aplicavam em sala de aula, somente alguns desenhos produzidos em mimeógrafos ou outros meios semelhantes, com o intuito de exercitar a coordenação motora para fixar / memorizar números e letras, limitando a criatividade do aprendiz.
De acordo com Derdyk (1993), o desenho como linguagem "requisita uma postura global." Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.
O desenvolvimento progressivo do desenho implica em mudanças significativas, que dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções mais ordenadas. Essa passagem ocorre em virtude das interações que as crianças realizam entre o ato de desenhar e com o desenho de outras pessoas.
Assim, podemos perceber que nas mais diversas atividades humanas, o desenho encontra-se presente no cotidiano de uma criança. Seja ao abrir um livro e deparar-se com uma figura, na ilustração de uma revista ou jornal, nas obras de artes, no caderno utilizado na escola, nas revistas em quadrinhos, no esboço de um mapa, dentre outras representações. Desse modo, o desenho apresenta uma natureza transitória e tão versátil, utilizado em vários momentos de nossas vidas. (DERDYK, 1993, p.10)

Neste sentido, o desenho da criança desde cedo, sofre influências da cultura e o seu fazer artístico revela o local e a época histórica em que vive; suas ideias e suas oportunidades de aprendizagens. A criança "(...) mostra claramente em seus desenhos as influências da cultura na qual está inserida (...)" (SANS, 1994, p.29). Daí, podemos perceber o quanto o desenho é uma linguagem subjetiva e está associada à maneira como a criança vê o mundo a sua volta.
Desse modo, o desenho enquanto linguagem está ao alcance de todos, qualquer criança tem a capacidade de desenhar, no entanto a partir da sua própria criação. A ideia de apropriação surge justamente para enfatizar que o elemento essencial deste ponto é que ao desenhar o indivíduo projeta as suas concepções de mundo. É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade que podem ser apropriadas pelas leituras de outras crianças e adultos.

1.2 As fases do desenho infantil

Vários autores têm realizado estudos sob diferentes enfoques, sobre a questão das fases ou etapas do desenho infantil. As pesquisas e estudos realizados por Jean Piaget e Lev Vygotsky a respeito do desenho infantil nos permitem compreender que a medida que a criança cresce, constantemente notamos as mudanças ocorridas em seus desenhos. Desta forma, em cada idade, a criança apresenta características peculiares e diferentes maneiras de desenhar. Estas maneiras de desenhar não são idênticas em todas as crianças, temos que levar em conta, além das suas características individuais, os fatores biológicos, sociais, econômicos e culturais de cada criança.
Se a base do desenho infantil é a expressão e a cultura como destacam os autores acima, Pillar (1996), diz que a criança constrói seu conhecimento tendo contato direto com o objeto, nesse caso, o desenho. Acrescentando que nenhuma delas nasce sabendo desenhar, essa construção acontece por meio da sua interação. Portanto, só se aprende a desenhar desenhando, desenhando.

Para Piaget (1978), a criança desenha mais o que sabe do que realmente consegue ver. Ao desenhar ela elabora conceitualmente objetos e eventos. Assim as fases do desenho segundo Piaget iniciam na garatuja, onde os movimentos são amplos e desordenados, aparecem com traços longitudinais e circulares parecendo mais um exercício motor. Não há preocupação com a preservação dos traços, que são cobertos com novos rabiscos várias vezes, passando pelo pré esquematismo fase em que fase a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens no fazer artístico até a fase do esquematismo. Nesta etapa surgem duas grandes conquistas: o uso da linha de base e a descoberta da relação cor objeto. Já tem um conceito definido quanto à figura humana. Na fase do realismo a criança demonstra maior consciência do sexo, usando nos desenhos roupas diferenciadas para cada um dos sexos. No espaço, descobre o plano e a superposição, mas abandona a linha de base. E as formas geométricas aparecem e vai progredindo até o pseudo naturalismo que indica o fim da arte como atividade espontânea e muitos desistem de desenhar. A criança inicia um processo de investigação de sua própria personalidade, transferindo para o papel suas inquietações e angústias, característica do início da adolescência. Nos desenhos aparecem muito o realismo, a objetividade, a profundidade, o espaço subjetivo e o uso consciente da cor.
Para Vygotsky (2009), o desenvolvimento do desenho requer duas condições. A primeira é o domínio do ato motor, por isso, para o autor, inicialmente, o desenho é o registro do gesto e logo passa a ser o da imagem. Assim, a criança percebe que pode representar graficamente um objeto.
Outra condição fundamental na evolução do desenho é a relação com a fala existente no ato de desenhar. Num primeiro momento, o objeto representado só é reconhecido após a ação gráfica quando a criança fala o que desenhou identificado pela sua semelhança como objeto. Depois ela passa a antecipar o ato gráfico, verbalizando o que vai fazer, in-

dicando que há um planejamento da ação. Por isso, Vygotsky afirma que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica.
Este fato é essencial na visão do autor porque aqui se pode perceber já "um certo grau de abstração" da criança que desenha, pois ao fazê-lo, libera conteúdo da memória. Ele afirma que "[...] os esquemas que caracterizam os desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente aspectos essenciais do objeto." (VYGOTSKY, 1989, p.127).
Ao descrever as etapas de desenvolvimento do grafismo infantil, o autor não se preocupa em detalhar o período da aquisição do sistema de representação do desenho. Vygotsky não faz uma investigação sistemática do processo de apropriação do desenho como processo semiótico, mas efetua um recorte no desenvolvimento cultural do grafismo infantil desprezando a "pré-história" do desenho. Vygotsky identifica ao longo do desenvolvimento da expressão gráfico-plástica infantil as seguintes etapas:
Etapa simbólica (Escalão de esquemas) – É a fase dos conhecidos bonecos que representam, de modo resumido, a figura humana. Esta etapa é descrita por Vygotsky como o momento em que as crianças desenham os objetos "de memória" sem aparente preocupação com fidelidade à coisa representada. A criança já possui capacidade de representar os seres humanos, mas com formatos diferentes do real. É o período em que a criança "representa de forma simbólica objetos muitos distantes de seu aspecto verdadeiro e real" (VYGOTSKY, 1987, p.94).
Etapa simbólico-formalista (Escalão de formalismo e esquematismo) – É a etapa na qual já se percebe maior elaboração dos traços e formas do grafismo infantil. É o período em que a criança começa a sentir necessidade de não se limitar apenas à enumeração dos aspectos concretos do objeto que representa, buscando estabelecer maior número de relações entre o todo representado e suas partes. Percebe-se que os desenhos permanecem ainda simbólicos, mas já se pode identificar o início de uma representação mais próxima da realidade.
Etapa formalista veraz (Escalão da representação mais aproximada do real) - Nesta fase, as representações gráficas são fiéis ao aspecto observável dos objetos representados, acabando os aspectos mais simbólicos, presentes nas etapas anteriores. Assim os desenhos passam a ser representações mais próximas ao real, nas quais já aparecem noções de profundidade e distância.
Etapa formalista plástica (Escalão da representação propriamente dita). Observa-se uma nítida passagem a um novo modo de desenhar, pois como um desenvolvimento viso-motor mais acentuado, o sujeito acaba se utilizando de técnicas projetivas e de convenções mais realistas. O grafismo deixa de ser uma atividade com fim em si mesma e converte-se em trabalho criador. No entanto, há uma diminuição do ritmo dos desenhos que permanecem mais entre aqueles que realmente desenham porque sentem prazer neste ato criador.
Observamos que embora Piaget tenha sua conceituação a respeito do desenho infantil focada nos aspectos epistêmicos e Vygotsky nos aspectos sócio interacionais, dois pontos básicos aproximam as ideias desses dois autores: a relação quanto à importância do desenho no desenvolvimento da criança e à característica de que a criança desenha o que lhe interessa e o que sabe a respeito de um objeto.

O conhecimento é adquirido não pelo simples contato da criança com o objeto, mas pela atividade do sujeito sobre esse objeto, a partir do que ele aprende, do que ele retira, do que organiza da experiência (PIAGET, 1976, p.47).

Para Vygotsky, o desenho tem importância enquanto expressão observável da imaginação criadora humana e da constituição social da imaginação enquanto função psicológica cultural, redimensionada pelo pensamento verbal. Portanto, de acordo com a abordagem construtivista, o conhecimento não está pré-formado no sujeito, nem está totalmente pronto, acabado, determinado pelo meio exterior, independente da organização do indivíduo. A aquisição de conhecimento processa-se na troca na interação da criança com o objeto a conhecer. Em outras palavras, o ato de conhecer parte da ação do

sujeito sobre o objeto, só se efetua com a estruturação que ele faz dessa experiência.

1. O PROFESSOR COMO MEDIADOR NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DO DESENHO

O professor é um dos responsáveis por despertar na criança a vontade de desenhar, porém nota-se que o desenho dentro de sala de aula é muito orientado pelo docente e apresentando um padrão a ser seguido, onde a criança tem que desenhar do jeito que o professor pede pintar da cor que todo mundo pinta, desenhar apenas o que está na história comete-se um grande equívoco em relação ao desenvolvimento da linguagem do desenho. Ao adotar tal prática pedagógica o professor irá estimular as crianças a adotarem modelos prontos e criando estereótipos que inibem o desenvolvimento da capacidade criadora em que as crianças deixam de produzir seus próprios desenhos. Outro aspecto da prática docente a ser analisado é o fato de o professor planejar uma atividade de desenho que já está praticamente pronta, utilizando materiais xerocados, desenhos pontilhados que simplesmente impedem a construção da linguagem do desenho por parte das crianças. Trata-se de uma mera reprodução que não exige da criança o ato de pensar sobre o que irá fazer e o que realmente quer expressar.

Quando o professor faz correções nas produções infantis do tipo: 'Fulano, não vês que a árvore é verde? Onde está o corpo desta pessoa? Estou vendo que os braços e as pernas saem da cabeça...' Assim, as crianças, desde muito cedo, incorporam os estereótipos e deixam de construir sua própria linguagem, passando a reproduzir e a consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos. (MOREIRA, 1993, p. 86).

Quando a criança tem liberdade de desenhar, de criar, se sente mais segura e confiante com relação ao seu desenho e o que ela quer transmitir através do mesmo. A criança ao desenhar, "canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário" (DERDYK, 1993, p.19). É muito importante que o docente não interfira e nem direcione o desenho da criança, em como ela vai colorir, com que lápis vai desenhar, para que a auto expressão no desenho não seja inibida. Nesta perspectiva, oferecer a criança o desenho pronto não possibilita a criança expressar algum interesse ou ideia, ou colocar a imaginação no papel, pois a única escolha que realiza ao pintar um desenho pronto são as cores que utilizará, e muitas vezes falada pelo professor, como algo correto. O desenho pronto restringe muito a criatividade da criança e não desperta na criança a vontade de desenhar livremente.

Em contrapartida quando esse processo é conduzido por docentes conscientes e competentes, que atuam como mediadores nesse processo de criação da criança, o desenho deixa de ser apenas recreação/passatempo ou cópia estereotipada de modelos para tornar-se de fato um processo de criação, favorecendo uma rica vivência e estimulando o desenvolvimento dos meios mais espontâneos de expressão.
A criança, por sua vez, e por intermédio do desenho, representa seus desejos, expressa seus sentimentos e coloca em destaque sua personalidade. Dessa maneira, o educador pode conhecer melhor a criança com quem está trabalhando e, até mesmo, identificar suas dificuldades, pois, a arte pode auxiliar tanto no cotidiano escolar, como no cuidado para que não haja julgamento de certo ou errado, para não interferir na expressão da criança e torná-las inseguras ao soltar sua imaginação e criar.
A criança desenvolve seu desenho dependendo de sua cultura ou a época que está inserida, trazendo consigo seu cotidiano para dentro da sala de aula, enriquecendo a sala de múltiplas formas, dando evidência ao momento atual. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) ressalta que:

A arte da criança, desde cedo, sofre influências da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc. (BRASIL, 1998, p. 88).

Quando a criança se expressa de forma espontânea, devolve ao exterior a mesma estimulação que recebe. Ao utilizar sua liberdade de expressão e de investigação, com o auxílio de seus educadores, conclui-se que suas aprendizagens e seu desenvolvimento aumentam sua maneira de expressar e de visualizar o mundo. A criatividade é considerada como parte essencial do homem, a qual dá equilíbrio à vida, auxiliando-o em seu cotidiano, nas resoluções de problemas e tornando o homem um ser mais criativo. A arte deve ser inserida na educação como forma de estimular o pensamento criador, para que a imaginação da criança e seu intelecto não se separem. (SANS, 2001, p. 24).

O professor exerce papel fundamental como mediador no processo de desenvolvimento da linguagem do desenho dentro do contexto educacional, conforme afirmação a seguir:

Cabe ao professor individualizar as situações de aprendizagem oferecidas às crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais, cognitivas assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e as individualidades de cada criança. (RCNEI, 1998, p.32)

Os professores devem possibilitar inúmeras maneiras para a criança produzir um desenho, desde materiais diversificados proporcionando a liberdade de escolha, o local que será feito o desenho, a organização desse espaço, e o estímulo, a criatividade, o incentivo e a valorização da sua produção.

Pillar (1996) salienta que o docente, ao observar o desenho de uma criança, pode aprender muito sobre o seu modo de pensar, suas atitudes e comportamento. A autora destaca, ainda que, quando, em um desenho, os braços de uma figura humana saem da cabeça e não do tronco, por exemplo, significa que a criança ainda não tem construído interiormente em seu pensamento o esquema corporal de uma figura humana, e, isso ajudará nas inferências docentes e, consequentemente, a melhorar a prática pedagógica.

Na docência, a prática pedagógica contribui para o processo de aprendizagem quando desenvolvida com vistas a sensibilidade de observação sobre a produção infantil e a qualidade do vínculo de cada uma das crianças no que concerne ao interesse e a curiosidade individual e não por pressão externa. Um docente que entra em sintonia com as formas de vinculação de cada criança torna-se mais apto a fazer as intervenções didático-pedagógicas necessárias, tendo o desenho como estratégia deste trabalho.

Daí a enorme responsabilidade do docente, quando a criança fala, escreve ou faz seus trabalhos de desenho porque geralmente é ele quem faz as observações das produções, atribuindo-lhes qualidades na orientação, incentivando os esforços nos processos de construção de saberes cognitivos, estéticos, afetivos e nas combinações desses tipos de saberes.

CONCLUSÃO

Desde os tempos mais remotos o desenho tem sido uma das principais formas de comunicação do ser humano. Os desenhos expressam, comunicam e atribuem sentidos, sentimentos e pensamentos por meio da organização de forma bem simples, como desenhar no chão, na areia, no muro, na parede, utilizando materiais diversos que expressam a linguagem para a comunicação humana, justificando assim, sua presença na educação.

Assim, os estudos realizados nos permitiram compreender que devemos considerar

que de indivíduo para indivíduo o caráter do desenho varia definindo a capacidade de representação, sensibilidade, personalidade e interesses de cada um. Mesmo desenhos do mesmo indivíduo, por vezes, variam de acordo com o contexto sociocultural.

Percebemos que nos ambientes educativos, os desenhos podem nos dar informações não só sobre as crianças, mas também sobre a natureza do pensamento e a resolução de problemas entre crianças e adultos. Por isso, é necessário que o professor conheça as fases do desenho infantil e ajuste tais conhecimentos as suas práticas pedagógicas de modo a garantir que as crianças sejam os protagonistas de práticas que envolvem a inserção do desenho como ferramenta fundamental para a construção de conhecimentos.

Desse modo concluímos que em qualquer manifestação artística, a criança passa a se apropriar e aperfeiçoar processos que desenvolvem a percepção, a imaginação, a observação e o raciocínio. O autoconhecimento favorece a percepção das suas emoções e assim ele torna-se autor da sua criação e dialoga com ela, através da arte ele pode desenvolver o senso de organização e a criticidade, subsídios esses que favorecerá as relações estabelecidas entre ela e o meio em que estiver inserido.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e Desportos. Secretária da Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, E. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil.
São Paulo: Scipione, 1989.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do desenho: a educação do educador.
8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de janeiro: Zahar, 1978.

PILLAR, A. D. P. Desenho e construção de conhecimento na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SANS, P. T. C. Pedagogia do desenho infantil. São Paulo: Átomo, 2001.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

. Imaginação e a Arte na infância. São Paulo: Ática, 2009